



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS

ISABELA SOUSA ANDRADE

**DO ORIGINAL ÀS ADAPTAÇÕES: AS MODIFICAÇÕES EM
REINAÇÕES DE NARIZINHO
POR PEDRO BANDEIRA E WALCYR CARRASCO**

SÃO CARLOS – SP

2025

ISABELA SOUSA ANDRADE

**DO ORIGINAL ÀS ADAPTAÇÕES: AS MODIFICAÇÕES EM
REINAÇÕES DE NARIZINHO
POR PEDRO BANDEIRA E WALCYR CARRASCO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Letras (Português-Espanhol) da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, para obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Cilza Bignotto

SÃO CARLOS - SP
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
Centro de Educação e Ciências Humanas
Departamento de Letras
Curso de Licenciatura em Letras (Português-Espanhol)

Folha de aprovação

Prof^ª. Dr^ª. Cilza Bignotto (UFSCar) – Orientadora

Dr^ª. Katia Chiaradia (UFPR)

A Deus. Porque dEle, por Ele e para Ele são todas as coisas. Aos meus pais, Fábio e Auricélia, que sob muito sol, me fizeram chegar até aqui na sombra, obrigada por me ajudarem a viver meus sonhos. À minha irmã, Isadora, sem você eu não conseguiria nada. À minha avó, Leonilde, minha estrela-guia.

Agradecimentos

A Deus, que me prometeu e me permitiu chegar até aqui. Sem Ele eu nada faria ou seria.

Aos meus pais, que sempre me apoiaram e ajudaram no que eles podiam.

À minha irmã, que vibrou todas as minhas conquistas comigo.

Ao meu amor, que é meu maior incentivador.

Aos meus amigos, que fizeram essa caminhada ser mais leve.

E um agradecimento especial à minha orientadora, Prof^ª. Dr^ª. Cilza Bignotto, um dos grandes exemplos que levo da universidade.

Resumo

Em 2019, a obra de Monteiro Lobato (1882-1948) entrou em domínio público. Muitas editoras brasileiras se viram, então, diante de um dilema: publicar os textos infantis originais do escritor ou adaptá-los, retirando trechos polêmicos? Afinal, desde 2012 circulavam denúncias sobre o racismo em livros lobatianos para crianças. As editoras que optaram por adaptar os livros contrataram escritores consagrados para realizar as modificações no texto. A editora Moderna publicou as adaptações de *Reinações de Narizinho* criadas por dois escritores bastante populares: Pedro Bandeira, conhecido como o autor que mais vende livros infantis e juvenis no país, criou uma adaptação intitulada *Narizinho: a menina mais querida do Brasil*; já Walcyr Carrasco, famoso principalmente por suas telenovelas, manteve o título original do livro de Lobato, mas modificou o texto e criou notas de rodapé explicando vários termos. O objetivo deste Trabalho de Conclusão de Curso é comparar as adaptações de Bandejas e Carrasco entre si e com o texto de Lobato, a fim de analisar e interpretar as modificações realizadas por ambos no clássico *Reinações de Narizinho*.

Palavras-chave: Adaptações. Modificações. Racismo. *Reinações de Narizinho*.

Resumen

En 2018, la obra de Monteiro Lobato (1882-1948) pasó a ser de dominio público. Muchas editoriales brasileñas se enfrentaron entonces a un dilema: ¿publicar los textos infantiles originales del autor o adaptarlos eliminando los pasajes polémicos? Después de todo, desde 2012 circulaban denuncias sobre el racismo presente en los libros infantiles de Lobato. Las editoriales que optaron por adaptar las obras contrataron a escritores consagrados para realizar las modificaciones en los textos. La editorial Moderna publicó las adaptaciones de *Reinações de Narizinho* realizadas por dos escritores muy populares: Pedro Bandeira, conocido como el autor que más vende libros infantiles y juveniles en el país, creó una adaptación titulada *Narizinho: la niña más querida de Brasil*; mientras que Walcyr Carrasco, famoso principalmente por sus telenovelas, mantuvo el título original del libro de Lobato pero modificó el texto y añadió notas al pie explicando varios términos. El objetivo de este Trabajo de Fin de Curso es comparar las adaptaciones de Bandeira y Carrasco entre sí y con el texto de Lobato, con el fin de analizar e interpretar las modificaciones realizadas por ambos en el clásico *Reinações de Narizinho*.

Palabras clave: Adaptaciones. Modificaciones. Racismo. *Reinações de Narizinho*.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1: ADAPTAÇÕES.....	9
1.1 Adaptações de Pedro Bandeira.....	11
1.2 Adaptações Walcyr Carrasco.....	14
CAPÍTULO 2: O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO LIVRO <i>REINAÇÕES DE NARIZINHO</i>.....	20
CAPÍTULO 3: O RACISMO NAS OBRAS DE MONTEIRO LOBATO.....	25
CONCLUSÃO	27
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	28

Capítulo 1: Adaptações

Segundo Fisher (2010), “o objetivo geral de qualquer adaptação é oferecer a um leitor menos habilitado ou menos experiente a oportunidade concreta de ler clássicos da literatura, de ter um primeiro e significativo contato com eles.”. Essa afirmação ressalta a importância das adaptações literárias, que desempenham um papel fundamental ao tornar grandes obras mais acessíveis.

Diversos livros passam por adaptações ao longo dos anos, e essas transformações desempenham um papel fundamental na formação de leitores, na democratização do acesso às histórias e na preservação da relevância das obras originais. Essas adaptações tornam a leitura mais acessível e adequada a diferentes públicos e contextos. De acordo com Neres e Lacerda (2023), adaptar “é fazer uma releitura de um texto primeiro, reescrito sob um novo olhar, por meio de uma criteriosa seleção lexical, consonante com o que se espera alcançar e provocar em determinado público, com o objetivo de se formar leitores.”. Adaptar é ressignificar um texto original, levando em consideração elementos sociais, econômicos, políticos, entre outros.

Existem diversas formas de adaptação, como a transformação de livros em filmes, séries, peças de teatro, animações ou histórias em quadrinhos. No entanto, existem aquelas em que os livros adaptados permanecem como livros, mas com algumas mudanças, por exemplo, a atualização da linguagem e ajustes no enredo. Neste capítulo, exploraremos essa última forma de adaptação, analisando quais foram as mudanças presentes no livro selecionado e como elas influenciam a experiência do leitor.

De acordo com a Lei dos Direitos Autorais: Lei 9610/98, LDA, uma obra entrará em domínio público no primeiro dia do ano subsequente após 70 anos da morte do autor, se a obra possuir vários autores, somente após a morte do último autor respeitando esse prazo. Foi exatamente o que aconteceu com as obras de Monteiro Lobato em 2019. Assim que as obras entraram em domínio público, teve início uma movimentação em várias editoras para produzir edições consideradas adequadas aos leitores contemporâneos. Algumas editoras, como a Cia. das Letrinhas, optaram por manter os textos lobatianos originais e produzir

paratextos que mediassem a leitura e tratassem, sobretudo, do racismo encontrado em algumas passagens. A edição de *Reinações de Narizinho* produzida pela editora foi organizada por Marisa Lajolo, a maior especialista brasileira em Monteiro Lobato, e tem prefácio, notas de rodapé e outros paratextos produzidos por Cilza Bignotto, professora do Departamento de Letras da UFSCar. Outras editoras, como a Moderna, optaram pela adaptação das obras, retirando, principalmente, trechos considerados racistas; afinal, desde 2012 havia debates sobre o racismo presente nas obras de Lobato. Dessa forma, dois autores escreveram adaptações para a editora Moderna: Pedro Bandeira, que redigiu *Narizinho, a menina mais querida do Brasil*, e Walcyr Carrasco, que produziu *Reinações de Narizinho, de Monteiro Lobato*, as quais analisaremos neste trabalho.

Pedro Bandeira (Santos, São Paulo, 1942), tornou-se exclusivamente escritor em 1983 e é um dos principais representantes da literatura infanto-juvenil brasileira, autor de diversos livros, reconhecido principalmente pela série narrativa *Os Karas*, destinada aos adolescentes. Bandeira publicou sua adaptação em 2019, pela editora Moderna, contando com ilustrações de Renato Alarcão. Em sua obra, o escritor retira expressões racistas e explica que “sua obra não perderá a qualidade se tirarmos, aqui e ali, xingamentos acachapantes”. No site da editora Moderna, o livro é apresentado como uma obra “retrabalhada por Bandeira”: “aqui está Narizinho, desta vez sem aqueles pequenos detalhes que suscitaram algumas críticas”¹, referindo-se às acusações racistas.

Walcyr Carrasco (Bernardino de Campos, São Paulo, 1951), escreveu minisséries e novelas de sucesso e vários livros, ganhador de diversos prêmios, também adaptou a obra de Lobato. Assim como Bandeira, publicou sua obra em 2019 pela editora Moderna, com ilustrações de Renan Santos. No site da editora Moderna, o livro é apresentado deixando claro sua intenção de não radicalizar a obra original, mas excluir as expressões racistas:

Nesta adaptação, Walcyr Carrasco opta por um texto que não radicalize o original: preserva a estrutura, os personagens e o fluxo da narrativa, porém suaviza passagens e substitui palavras que se tornaram pouco usadas em nossos tempos.²

Em seu prefácio, Carrasco conta um pouco sobre como foi chamado pela editora para realizar esta adaptação, diz que pensou muito, pois Lobato é seu ponto de referência, mas, ao

¹ O texto pode ser lido em: <https://www.moderna.com.br/autoresexclusivos/ruth-rocha/biblioteca/narizinho-a-menina-mais-querida-do-brasil.htm#:~:text=Retrabalhada%20por%20Pedro%20Bandeira%2C%20aqui,Maravilhe%2Dse!>

² O texto pode ser lido em: <https://www.moderna.com.br/literatura/livro/reinacoes-de-narizinho>

mesmo tempo, não queria que a obra desaparecesse e fosse esquecida, também fala sobre a sociedade contemporânea:

A relação entre afrodescendentes e brancos na sociedade brasileira mudou muito, de lá para cá. Ainda bem! O racismo tornou-se crime. Lobato se expressava e via as relações como eram na época em que viveu. Assim como outros aspectos da obra de Lobato, que hoje são vistos, na sociedade, de maneira completamente diferente. (CARRASCO, 2019, Prefácio)

Sobre a atualização, Carrasco afirma que “é necessário atualizar, adaptar, trazer modernidade” (CARRASCO, 2019), diz que ouviu seu mestre Lobato e fez o que pensou que ele também faria (CARRASCO, 2019).

1.1: Adaptações Pedro Bandeira

Para iniciar, faremos uma análise composicional dos capítulos de cada livro. O livro original possui 81 capítulos, organizados em 11 tópicos. A adaptação de Walcyr Carrasco preserva tanto o número de capítulos quanto a organização em tópicos. Já a versão adaptada por Pedro Bandeira possui 18 capítulos, sem qualquer subdivisão em tópicos. Essa diferença inicial indica que Bandeira fez alterações significativas no enredo.

Iniciaremos a análise pela adaptação de Pedro Bandeira. Como mencionado anteriormente, realmente o escritor fez grandes alterações no enredo, promovendo um encurtamento da narrativa. A história se concentra na trajetória de Narizinho, abrangendo desde sua aventura no Reino das Águas Claras, até o capítulo que envolve seu vestido de casamento com o Príncipe Escamado, que, nesta versão, nem sequer acontece.

Além disso, Bandeira também apagou diversos personagens presentes no texto original, incluindo um dos mais importantes: Pedrinho. Em *A Menina mais querida do Brasil*, o primo de Lúcia é substituído por outros personagens. Por exemplo, quem visita o sítio é o Coronel Teodorico, não Pedrinho, e esse personagem sequer é citado no texto original. A obra também não traz as histórias do Gato Félix, Tom Mix e as princesas e heróis dos contos infantis.

Esse encurtamento na narrativa se deve ao fato de Bandeira considerar Narizinho como personagem autossuficiente, que é capaz de sustentar a história por si só, dispensando a necessidade de outros personagens para enriquecer ou complementar a história. No posfácio

de seu livro, Bandeira afirma que para ele “a grande personagem da Literatura brasileira, ao lado da indiscutível Capitu, é Narizinho” (BANDEIRA, 2019). Embora a boneca Emília seja uma das maiores e emblemáticas personagens, ele afirma que “Lobato não criou Emília, Lobato criou a fantástica Narizinho e a fantástica Narizinho foi quem criou Emília” (BANDEIRA, 2019). Ainda em seu posfácio, ele explica o motivo de ter retirado Pedrinho da história:

[...] é o mais fraco de todos os personagens da saga. Não pensa nada, não imagina nada, nada resolve. Provindo da “capital” para o “isolamento” da vida no campo, nada traz consigo, nenhuma informação urbana, dos progressos, de sua escola, nem quaisquer experiências que poderiam servir como contraponto à vida isolada e bucólica do Sítio do Picapau Amarelo. (BANDEIRA, 2019, p.132)

No que concerne à linguagem, Bandeira realizou algumas adaptações, considerando que o público alvo são crianças e que o livro original data de 1931. Assim, havia a necessidade de atualizar a linguagem para torná-la mais acessível, sem perder a essência do texto original. Desta forma, ele conserva várias expressões utilizadas no texto original, como “fraldas de camisa”, “prestimosa”, “fazenda” (referindo-se ao tecido ou modelo do vestido).

Outro ponto interessante é a transformação realizada por Bandeira, ao converter algumas passagens de discurso indireto para discurso direto.

Texto original:

— Que papagaio, homem de Deus? Que vem fazer aqui esse papagaio?

Mestre caramujo explicou que como não houvesse encontrado suas pílulas mandara pegar um papagaio muito falador que havia no reino. Tinha de matá-lo para extrair a falinha que ia pôr dentro da boneca. (LOBATO, 1956, p.17)

Texto adaptado (Bandeira):

— Que papagaio? Que vem fazer aqui esse papagaio?

— Como não tenha mais as minhas pílulas — explicou o médico — mandei pegar um papagaio muito falador que há no reino. Tenho de matá-lo para extrair a falinha que vou pôr na boca da sua boneca. (BANDEIRA, 2019, p.44)

Texto original:

— Doutor CARA DE CORUJA. Só acordei quando o doutor CARA DE CORUJÍSSIMA me pregou um liscabão.

— Beliscão — emendou Narizinho pela última vez, enfiando a boneca no bolso. Viu que a fala da Emília ainda não estava bem ajustada, coisa que só o tempo poderia conseguir. Viu também que era de gênio teimoso e asneirenta por natureza, pensando a respeito de tudo de um modo especial todo seu. (LOBATO, 1956, p.18)

Texto adaptado (Bandeira):

— DOUTOR CARA DE CORUJA. Só acordei quando o DOUTOR CARA DE CORUJÍSSIMA me pregou um liscabão.

— Beliscão — emendou Narizinho pela última vez, enfiando a boneca no bolso do avental. — Pelo jeito a fala de Emília ainda não está bem ajustada. Quem sabe com o tempo as coisas melhorem... Ufa! (LOBATO, 1956, p.48)

Essa mudança de discurso torna o texto mais dinâmico e envolvente, criando uma sensação de proximidade com o leitor. No discurso direto, as falas das personagens são apresentadas de uma forma mais viva e expressiva, como se o leitor estivesse presenciando o diálogo em tempo real. Como essa adaptação promove um encurtamento do texto original, é essencial que o texto seja o mais dinâmico possível. A mudança de discurso contribui significativamente para essa intenção, tornando a narrativa mais fluida e ágil.

O último aspecto analisado é a exclusão de falas racistas. No texto original há várias passagens consideradas racistas, e todas elas estão relacionadas à personagem Tia Nastácia. Como dito na introdução, Lobato pertencia à aristocracia e viveu no período pós abolição, contexto que ajuda a explicar o racismo presente em sua obra. No entanto, atualmente, tais expressões são inaceitáveis, sobretudo após tantas lutas de combate ao racismo e outros preconceitos. Assim, é essencial que as adaptações revisem e alterem essas falas.

A adaptação feita por Pedro Bandeira reflete uma preocupação em revisar termos ofensivos e racistas presentes na obra de Lobato. Logo na introdução, por exemplo, há uma mudança significativa na apresentação de Tia Nastácia. No texto original, ela é descrita como “negra de estimação que carregou Lúcia em pequena”, Bandeira opta por substituir essa descrição por “a velha cozinheira que carregou Narizinho em pequena”.

Além disso, em *Reinações*, Lobato se refere à Nastácia com vocativos ofensivos, como “preta”, “negra”, “diaba preta”, “negra beijuda”, “diaba feia”. Na adaptação de Bandeira, todos esses termos foram eliminados, a personagem é tratada pelo seu nome ou sua função, “cozinheira”.

1.2: Adaptações Walcyr Carrasco

Diferentemente da adaptação de Bandeira, que realiza cortes significativos, Walcyr Carrasco opta por manter a narrativa praticamente intacta, mas com algumas mudanças. Carrasco preserva todos os personagens e a estrutura da história, sem se preocupar em encurtar a obra para atrair o público infantil atual.

No que diz respeito à linguagem, Carrasco faz várias adaptações no vocabulário, atualizando a linguagem, tornando-a mais acessível ao público contemporâneo. Expressões e termos antigos foram substituídos por seus equivalentes atuais, como “ordenado” para “salário”, “ruge” para “maquiagem”, “perdeu as estribeiras” para “perdeu a paciência”, “contradança” para “valsa”, entre outras modificações ao longo do livro. O escritor também substituiu algumas palavras, tornando-as mais respeitosas, como ao trocar “velhas” por “senhoras”.

Além dessa atualização, a adaptação contém notas de rodapé que explicam termos mais complexos ou menos conhecidos atualmente. Exemplos disso são palavras como “macela”, nomes de animais como o tatu canastra e a vaca mocha, e referências culturais, como personagens e histórias da mitologia grega, incluindo o fauno, as ninfas, Pégaso e o Cavalo de Troia. Essas notas tem o objetivo de enriquecer a leitura e garantir que o leitor compreenda completamente o texto sem a necessidade de recorrer a outras fontes.

Quando as notas de rodapé não estão presentes, o texto de Carrasco encontra formas de explicar alguns termos diretamente dentro da narrativa, algo que não acontece no texto original. Essa estratégia garante maior clareza e compreensão para os leitores, sem interromper o fluxo da leitura.

Texto original:

Nisto apareceu ao longe um formidável espadarte. Vinha com seu comprido esporão de pontaria feita para o cetáceo, que é como os sábios chamam a baleia. O príncipe assustou-se. (LOBATO, 1956, p.8)

Texto adaptado (Walcyr Carrasco):

Nisso apareceu ao longe um formidável espadarte, peixe de bico fino e comprido, com a ponta achatada, que parecia uma espada. Vinha com o comprido esporão de pontaria para o cetáceo, que é como os sábios chamam a baleia. O Príncipe assustou-se: (CARRASCO, 2019, p.23)

Além das explicações, a adaptação também apresenta alguns acréscimos à narrativa.

Texto original:

O gato saiu, passeou pelo sítio inteiro, caçou três ratos e de noite voltou. Tia Nastácia acendeu o lampião da sala. Depois disse:

—”É hora, gente!”. Todos vieram postar-se em redor do ilustre personagem; dona Benta sentou-se na sua cadeirinha de pernas serradas; Narizinho e Pedrinho sentaram-se na rede; Emília foi para o colo da menina.(LOBATO, 1956, p.98)

Texto adaptado (Walcyr Carrasco):

O gato saiu e passeou por todo o sítio. De noite, voltou. Todos sentaram-se em torno do ilustre personagem: Dona Benta acomodou-se em sua poltrona predileta: Tia Nastácia sentou-se na outra poltrona, de que também gostava muito: Narizinho e pedrinho acomodaram-se na rede; Emília foi para o colo da menina. (CARRASCO, 2019, p.157)

Em relação ao racismo, assim como Bandeira, Walcyr também adaptou todos os fragmentos que apresentavam conteúdos ofensivos e preconceituosos. Nessa adaptação, Tia Nastácia é descrita como:

A primeira é Tia Nastácia, negra, descendente de africanos, que ajudou a cuidar de Narizinho desde que era bebê. Trabalha na casa há muitos anos. É tão querida que a chamam de Tia, porque já se tornou alguém da família. Mas, é claro, recebe seu salário todo mês. (CARRASCO, 2019, p.14)

Percebe-se que essa descrição inclui elementos que não aparecem na versão original, como a explicação da descendência da personagem, o porquê de a chamarem de tia, e a

ênfase no fato de que, apesar do carinho, ela é uma profissional remunerada. Essa atualização aponta para um esforço do autor em reconfigurar a personagem em uma perspectiva mais respeitosa. Assim, fica evidente que a abordagem da personagem nesta adaptação busca romper com as visões problemáticas do texto original.

Na versão lobatiana, Nastácia, por muitas vezes, refere-se à Dona Benta por “sinhá”, um termo carregado de associações históricas relacionadas à escravidão e submissão. No entanto, esse vocativo é totalmente excluído na adaptação de Walcyr Carrasco, ressignificando a relação das senhoras como de amizade, além do trabalho.

Carrasco demonstrou grande inteligência e sensibilidade ao adaptar os trechos racistas da obra, conseguindo preservar a essência da narrativa original ao mesmo tempo em que muda a abordagem da personagem. Vejamos o seguinte exemplo, no qual Emília está brava com Nastácia:

Texto original:

— Não é à-toa que ela é preta como carvão.

— ?

— Mentira de Narizinho! Essa negra não é fada nenhuma, nem nunca foi branca. Nasceu preta e ainda mais preta há de morrer.

— ?

— Boa? Está muito enganado. Mais malvada que ela só o Barba Azul. Você é porque é novo nesta casa e não a conhece. Tia Nastácia não tem dó de nada. Pega aqueles frangos tão lindos e — zás! torce-lhes o pescoço. Mata patos, mata perus, mata camundongos — não há o que não mate. Outro dia, no Natal, a diaba assassinou um irmão de Rabicó, tão bonitinho! Pegou naquela faca de ponta que mora na cozinha e — fugt! enfiou dentro dele, até no fundo. E pensa que foi só isso? Está enganado! Depois pelou o coitadinho numa água fervendo e assou o coitadinho num forno tão quente que nem se podia chegar perto. (LOBATO, 1956, p.138)

Texto adaptado (Walcyr Carrasco):

— Tia Nastácia é malvada que nem o Barba Azul. Você é novo nesta casa e não a conhece. Ela bota os frangos no forno para assar, coitados! Outro dia, no Ano-Novo, assassinou um parente de Rabicó, tão bonitinho, e assou também. (CARRASCO, 2019, p.217)

Walcyr consegue manter o sentimento de raiva da Emília, mas exclui as marcas violentas das falas originais da boneca. Essa abordagem mantém a essência da personagem, ao mesmo tempo em que adapta seu comportamento, sem comprometer sua personalidade, que é um ponto tão forte e característico da boneca.

O último trecho que gostaria de pontuar sobre o racismo é no episódio do circo:

Texto original:

— [...] Tia Nastácia não sei se vem. Está com vergonha, coitada, por ser preta.

— Que não seja boba e venha — disse Narizinho. — Eu dou uma explicação ao respeitável público.

Afinal as duas velhas apareceram. [...]

— Respeitável público, tenho a honra de apresentar vovó, dona Benta de Oliveira, sobrinha do famoso cônego Agapito Encerrabodes de Oliveira, que já morreu. Também apresento a princesa Anastácia. Não reparem ser preta. É preta só por fora, e não de nascença. Foi uma fada que um dia a pretejou, condenando-a a ficar assim até que encontre um certo anel na barriga de um certo peixe. Então o encanto se quebrará e ela virará uma linda princesa loura. (LOBATO, 1956, p.163)

Texto adaptado (Walcyr Carrasco):

— [...] Tia Nastácia não sei se vem. Acha que não tem o que vestir, porque soube que está todo mundo muito chique.

— Diga para ela não ser boba. Sem ela, não tem graça! — disse Narizinho.

Afinal, as duas apareceram [...]

— Respeitável público, tenho a honra de apresentar vovó, Dona Benta de Oliveira, sobrinha do famoso Cônego Agapito Encerrabodes de Oliveira, que já morreu. Também apresento a Princesa Anastácia, que nos dá a honra de comparecer ao espetáculo. (CARRASCO, 2019, p.254)

Essa mudança, uma vez mais, mostra a sensibilidade de Carrasco ao realizar as adaptações, ele não opta simplesmente por excluir, mas por modificar os trechos de forma cuidadosa.

Outra adaptação interessante está relacionada à questão da violência, que é excluída, especialmente envolvendo cenas com o personagem Pedrinho, cuja personalidade corajosa e destemida é preservada, mas as atitudes e diálogos considerados violentos são substituídos por ações e falas que reforçam o seu caráter heroico e audacioso, sem recorrer a comportamentos agressivos. Vejamos o exemplo:

Versão original:

— Pois então vai — resolveu Pedrinho — mas o meu bodoque vai também, e se ele não se comportar muito direitinho, já sabe — é cada pelotada na orelha de sair cinza!

Pedrinho ganhara um bodoque de guatambu e agora resolvia tudo a bodocadas. (LOBATO, 1956, p.67)

Versão adaptada (Walcyr Carrasco):

— Pois então vai — resolveu Pedrinho —, mas vou vigiar o malandro bem de perto! Rabicó é encrenqueiro por natureza. [...] (CARRASCO, 2019, p.110)

O último ponto analisado neste livro é quanto a exclusão da religiosidade, presente principalmente na personagem Tia Nastácia. Em vários fragmentos do livro original, a cozinheira tem falas de cunho religioso e realiza gestos como o sinal da cruz. Além disso, há referências bíblicas em outros fragmentos, que também são excluídas por Carrasco:

Texto original:

Nesse momento o doutor Caramujo saiu d'água. Trepou a uma pedra e fez com os chifrinhos gesto de que podiam tomar o coche.

As águas imediatamente se abriram, como no Mar Vermelho quando os hebreus chegaram perseguidos pelos egípcios. Tomando à frente, Narizinho desceu ao fundo, seguida de todos os mais. (LOBATO, 1956, p.68)

Texto adaptado (Walcyr Carrasco):

Nesse momento, o Doutor Caramujo saiu d'água. Subiu a uma pedra e, com os chifrinhos, fez gestos de que podiam tomar o coche.

As águas imediatamente se abriram. Tomando a frente, Narizinho desceu ao fundo, seguida dos demais. (CARRASCO, 2019, p.111)

Texto original:

— Essas crianças fazem coisas da gente se benzer com as duas mãos, sinhá. Com certeza foram visitar algum rei lá na terra das fadas. Mas não se incomode, sinhá. Quando a fome der, largam todos os reis do mundo para virem correndo atrás destes lambarizinhos fritos. (LOBATO, 1956, p.190)

Texto adaptado (Walcyr Carrasco):

— Essas crianças fazem coisas que a gente nem consegue imaginar. Com certeza foram visitar algum rei na Terra das Fadas. Mas não se incomode, Benta. Quando a fome chegar, largam todos os reis do mundo para comer esses lambarizinhos fritos. (CARRASCO, 2019, p.294)

Ao excluir a religiosidade, o autor consegue tornar o texto mais neutro, atendendo a públicos de diferentes crenças. Essa decisão também reflete a evolução da ideia de Estado Laico, que atualmente é muito mais forte e presente do que na década de 1930.

Capítulo 2: O processo de construção do livro *Reinações de Narizinho*

O processo de construção do livro *Reinações de Narizinho* iniciou-se em dezembro de 1920, com a publicação de *A Menina do Narizinho Arrebitado*, ilustrado por Voltolino. Na época, Monteiro Lobato era editor e proprietário da Monteiro Lobato & Cia. e da Revista do Brasil, na qual foram publicadas continuações da história. Este livro foi um marco na área da literatura infantil brasileira, além de ser o primeiro de uma série de obras infantis que ainda estavam por vir. No ano seguinte, nasce a versão escolar, o livro *Narizinho Arrebitado: segundo livro de leitura para uso das escolas primárias*, no qual o autor acrescentou histórias que não existiam no primeiro livro. O livro foi um sucesso; foram vendidos aproximadamente cinquenta mil exemplares para as escolas do estado de São Paulo, em razão de a obra ter sido bem aceita pelos alunos, o que sugere o domínio da arte de escrever para os pequenos.

Antes de publicar a versão escolar de seu livro, Monteiro Lobato pediu ajuda ao amigo Godofredo Rangel, por meio de uma carta, para que ele testasse a obra com seus alunos: “Mando-te o Narizinho escolar. Quero tua impressão de professor acostumado a lidar com crianças. Experimente nalgumas, a ver se se interessam. Só procuro isso: que interesse às crianças³.” Neste trecho, Lobato revela o seu principal desejo, o de que seu livro seja interessante para as crianças. E conseguiu chegar ao seu objetivo, já que a obra foi um sucesso.

Ao longo de 1920 e 1930, Lobato escreveu outras tantas histórias, publicando-as em volumes finos, como *O marquês de Rabicó* (1922). Algumas dessas histórias foram reunidas em 1931 no volume *As Reinações de Narizinho*; a segunda edição saiu em 1934 com o título *Reinações de Narizinho*. O primeiro capítulo de *Reinações* é uma reescrita de *Narizinho Arrebitado*, de 1921 (BERTOLUCCI, 1999, p.187-198). Em *Monteiro Lobato: a*

³ Monteiro LOBATO, A barca de Gleyre, p. 228 (2o tomo)

modernidade do contra, Marisa Lajolo diz que “Só em 1931 esta obra foi editada no tamanho atual, a que chegou pela justaposição de vários livrinhos curtos, lançados de forma independente ao longo dos anos 20”. Até se atingir o texto definitivo de *Reinações*, o texto foi intensamente modificado, inclusive o texto original também teve muitas modificações para o livro de 1921, *Narizinho Arrebitado*.

Em uma narrativa repleta de fantasia, além de uma linguagem próxima ao registro coloquial, mas esteticamente sofisticada, com o uso de figuras de linguagem, como metáforas e onomatopeias, e também neologismos, *A Menina do Narizinho Arrebitado* representou uma grande inovação para a literatura infantil da época (BERTOLUCCI, 2008, p.187-198). Composto por sete curtos capítulos, O sono à beira do rio, A enfermaria, No palácio real, Depois da festa, A festa veneziana, A trama e O castigo, a obra inicia-se apresentando Dona Benta:

Naquela casinha branca, - lá muito longe, mora uma triste velha, de mais de setenta anos. Coitada! Bem no fim da vida que está, e trêmula, e catacega, sem um só dente na boca - jururu... Todo mundo tem dó dela: que tristeza viver sozinha no meio do mato...

Pois estão enganados. A velha vive feliz e bem contente da vida [...]⁴ (LOBATO, 1920, p. 3)

Em seguida, o narrador apresenta o motivo que faz Dona Benta não ser uma senhora sozinha e triste: ela vive com a sua netinha, que é órfã de pai e mãe, a Lucia, cujo apelido era “Narizinho Rebitado”. Além de Narizinho, é apresentada mais uma personagem, tia Anastácia como “uma excelente negra de estimação”, que fabricou a melhor amiga da menina, a Dona Emília, uma boneca de pano, a boneca também é comparada à uma bruxa, devido aos seus olhos de retrós e suas sobranceiras erguidas. Esta qualificação de Tia Nastácia é, hoje, considerada racista (BARREIROS, 2022) - chega a ser intolerável lê-la. Na época em que o livro foi lançado, porém, uma personagem negra, visível, virtuosa e estimada, era algo inovador (BIGNOTTO, 2021).

O ribeirão também tem um papel importante para a história, se comporta quase como um personagem, o lugar é o “encanto de Narizinho”, onde a personagem vai todos os dias e passa horas ouvindo o barulho da correnteza e alimentando os peixinhos.

⁴ As próximas citações são todas das páginas 3 e 4 deste livro.

Apesar de conter sete capítulos, a história do livro se passa basicamente em um sonho de Narizinho. Em uma de suas idas ao ribeirão, com a sua boneca companheira, Narizinho sentiu os olhos pesados e, deitando-se na relva, adormeceu. A menina teve um sonho mágico: um peixinho vestido subiu na ponta de seu nariz juntamente com um besouro, e os dois exploraram o rosto de Narizinho, achando que estavam em um morro desconhecido. A menina se manteve quieta, pois estava curiosa, até os exploradores acharem que suas narinas eram óticas tocas de besouro, o besouro então sacudiu sua bengala dentro da “toca”, o que causou um espirro que a jovem não pode conter. Seu espirro assustou o besouro, mas o peixinho era corajoso e continuou ali.

Após conversarem, os dois se apresentaram, o peixinho era o Príncipe Escamado, e convida Narizinho para conhecer a cidade das Pedras Redondas, no Reino das Águas Claras. A menina embarca na aventura, e obviamente não se esquece de sua amiga Emília. No reino, as duas vivem muitas aventuras, acompanhadas da realeza, e conhecem muitos outros personagens, como o Mestre “agarra e não larga mais”, guarda do palácio; a Dona Aranha, excelentíssima costureira; o Doutor Caramujo, médico do palácio; e o temido Escorpião Negro, vilão do reino, que foi derrotado graças à ação rápida da menina e sua boneca.

O final do livro reforça que tudo não se passara de um sonho:

[...] uma voz conhecida a despertou:

— Narizinho, vovó está chamando!

A menina sentou-se na relva, esfregou os olhos, viu o ribeirão a deslizar como sempre e lá na porteira a tia velha de lenço amarrado na cabeça.

Que pena! Tudo aquilo não passara de um lindo sonho...

Em paralelo ao livro de 1920, *Reinações de Narizinho* apresenta muitas outras histórias, desta forma é um livro bem maior, contendo setenta e oito capítulos, que mantém o intuito de serem capítulos curtos. Estes capítulos são divididos em onze partes : Narizinho Arrebitado, O Sítio do Pica-pau Amarelo, O Marquês de Rabicó, O Casamento de Narizinho, Aventuras do Príncipe, O Gato Félix, Cara de Coruja, O Irmão de Pinóquio, O Circo de Cavalinhos, Pena de Papagaio, O Pó de Pirlimpimpim.

O livro inicia da mesma forma que o citado anteriormente, apresentando algumas personagens, como Dona Benta:

Numa casinha branca, lá no sítio do Pica-pau Amarelo, mora uma velha de mais de sessenta anos. Chama-se dona Benta. Quem passa pela estrada e a vê na varanda, de cestinha de costura ao colo e óculos de ouro na ponta do nariz, segue seu caminho pensando: — Que tristeza viver assim tão sozinha neste deserto... Mas engana-se. Dona Benta é a mais feliz das vovós, porque vive em companhia da mais encantadora das netas [...]

Nesta versão, a casinha branca tem localização, o chamado Sítio do Pica-pau Amarelo, e a senhora, que anteriormente era caracterizada como trêmula, catacega, banguela e jururu, é representada como uma avó menos frágil, que lê e costura. Narizinho também recebe uma nova caracterização: “a mais encantadora das netas [...] Narizinho tem sete anos, é morena como jambo, gosta muito de pipoca e já sabe fazer uns bolinhos de polvilho bem gostosos”. A menina continua a ser morena, mas sua idade é informada, assim como dotes culinários. Tia Nastácia continua sendo descrita da mesma forma, “negra de estimação”, mas nesta versão ela tem mais uma função, “carregou Lúcia em menina”. Emília também continua sendo caracterizada como uma boneca de pano desajeitada, que parece uma bruxa graças aos seus olhos de retrós pretos e suas sobancelhas arqueadas. Em *Reinações* também é destacada a importância do ribeirão para Lúcia.

Diferentemente do primeiro livro, onde o começo da aventura se dava por meio de um sonho de Narizinho, nesse, não fica claro se foi ou não um sonho:

Uma vez, depois de dar comida aos peixinhos, Lúcia sentiu os olhos pesados de sono. Deitou-se na grama com a boneca no braço e ficou seguindo as nuvens que passeavam pelo céu, formando ora castelos, ora camelos. E já ia dormindo, embalada pelo mexerico das águas, quando sentiu cócegas no rosto. Arregalou os olhos: um peixinho vestido de gente estava de pé na ponta do seu nariz.

A aventura começa da mesma forma: depois de alimentar os peixes do ribeirão, Narizinho sentiu sono, deitou-se e sentiu algo no seu nariz, era um peixinho vestido de gente, a menina ficou imóvel, curiosa para saber o que iria acontecer. Minutos depois, um besouro pousa em sua testa. Os dois, conversando, tentam adivinhar que “morro” esquisito era aquele, até que o besouro cutuca o nariz dela, fazendo-a espirrar. O mestre Cascudo (besouro) se assusta e vai embora, mas o Príncipe Escamado (peixe) permanece, demonstrando sua valentia. Os dois conversam, o peixe se apresenta como “Príncipe Escamado, rei do reino das Águas Claras”. O Príncipe convida a garota para conhecer seu reino, ela aceita sem hesitar, e leva sua boneca. Já é possível notar uma diferença entre o primeiro livro, ao iniciar o passeio, o Príncipe diz que Emília parece estar emburrada, já que não fala nada, mas a menina

responde que ela é muda de nascença e que anda à procura de um bom médico que possa curá-la; o rei sugere o Doutor Caramujo, que vive no reino e possui pílulas que curam todas as doenças e poderia curar a boneca.

O capítulo “No palácio” traz uma grande inovação na narrativa, a presença da ilustre Dona Carochinha, que surge à procura do Pequeno Polegar, que havia fugido. Dona Carochinha assume o papel de principal vilã do livro, especialmente na primeira parte, que se desenrola no Reino das Águas Claras. O livro amplia o universo de *Reinações*, introduzindo novas aventuras e personagens que não estavam presentes na primeira publicação. Além disso, a obra também traz mais profundidade em alguns personagens, como Emília. Assim que a boneca começa a falar, sua personalidade ganha destaque, que é marcada por seu temperamento genioso, teimoso e “sabe tudo”. Essas mudanças têm o objetivo de enriquecer a narrativa, que se torna mais atraente para o público leitor.

Capítulo 3: O racismo nas obras de Monteiro Lobato

É indiscutível a importância de Lobato para a literatura brasileira, principalmente a infanto-juvenil, e o quanto ele é (re)conhecido por suas obras fantásticas com personagens marcantes. No entanto, ao analisar suas obras hoje, é impossível ignorar a presença de elementos que refletem preconceitos raciais comuns em seu contexto.

Nos últimos anos, as obras de Lobato têm sido alvo de revisões e críticas, justamente pela presença de falas que podem ser compreendidas como racistas. Por seu papel fundamental na literatura infantil, é essencial que suas obras sejam analisadas criticamente, considerando suas implicações sociais. Mas, para que haja uma análise crítica, é necessário situar o autor em seu contexto histórico.

Lobato viveu entre 1882 e 1948, um período marcado por profundas transformações sociais e políticas no Brasil. É crucial pensar o que era ser negro e como o negro era visto nesse período histórico. Quando Lobato tinha apenas 6 anos, em 1888, o Brasil teve uma conquista importante: a Abolição da Escravatura. Fundamental frisar que foi uma conquista, não um presente, pois a Abolição foi resultado de um longo processo de lutas, durante o qual muitas pessoas negras pagaram com a própria vida, através de fugas e revoltas, seu desejo de liberdade.

O Brasil foi um dos últimos países a abolir a escravidão, e se não fosse o fato de ser mal visto pelos outros países que aboliram, certamente o país demoraria ainda mais (DE MENEZES, 2009). Apesar de ser uma conquista importante, após a Abolição da Escravatura os negros libertos ficaram totalmente desamparados, pois não existiu nenhuma lei ou programa de governo que integrava os negros à sociedade da época, conforme o artigo *Trajectoria do negro pós abolição e o processo da inclusão no ambiente escolar brasileiro* (ARRAES, 2017). Assim, muitos foram morar em regiões precárias e afastadas, e muitos voltaram às mesmas propriedades em que eram escravizados.

Essa breve contextualização mostra a situação da população negra no período em que Monteiro Lobato nasceu e viveu sua infância, o que nos faz refletir sobre a forma como o autor foi educado.

Voltando nossa atenção para o termo racismo, de acordo com a Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais e Quilombolas (CONAQ), racismo é:

Discriminação social baseada no conceito de que existem diferentes raças humanas e que uma é superior às outras. Esta noção tem base em diferentes motivações, em especial as características físicas e outros traços do comportamento humano. Consiste em uma atitude depreciativa e discriminatória não baseada em critérios científicos em relação a algum grupo social ou étnico. O racismo no Brasil é crime previsto na Lei n. 7.716/1989, e inafiançável e não prescreve, ou seja, quem cometeu o ato racista pode ser condenado mesmo anos depois do crime (CONAQ, s.d.).

Quando o escritor lançou seus livros, o Brasil não era mais um país escravocrata, porém o racismo ainda persistia em diversas esferas da sociedade, até porque, um país que manteve a escravidão por mais de 300 anos, não iria acabar com o preconceito racial somente com a “abolição”. Os livros infantis que circulavam no final do século XIX e início do século XX são evidências do preconceito racial que atravessava a sociedade brasileira, como indica o artigo “Reescrevendo a narrativa: racismo em livros infantis da época de Monteiro Lobato” (2021): em suas páginas, pessoas negras são invisibilizadas ou associadas a vícios, violências e maldições.

É possível afirmar que, nas obras de Monteiro Lobato, existem traços do Brasil do século XX e o olhar de um homem que pertencia à aristocracia, já que sua família materna possuía uma grande fazenda de café no vale do rio Paraíba. Isso explica, em parte, o fato de existirem trechos e falas que hoje consideramos inadmissíveis, já que buscamos lutar contra todos os tipos de preconceitos, mas que, à época de Lobato, eram considerados comuns, considerando um país recém “saído” da escravidão. É importante ressaltar também que estudos acerca do suposto racismo em suas produções explicam a ocorrência de várias adaptações de seus livros, como vemos neste estudo.

Conclusão

Reinações de Narizinho é uma obra clássica, rica em fantasia e marcante pela sua inovação literária no início do século XX, e não há dúvidas de sua importância para a literatura infantil, mas que carrega o peso histórico de sua época.

Pedro Bandeira e Walcyr Carrasco, ao reescreverem a obra, cada qual com as suas diferenças, buscam preservá-la como um patrimônio literário brasileiro, mas com uma roupagem mais adequada às sensibilidades e ao ritmo de leitura do público atual. Essas adaptações garantem que a essência da história original permaneça viva, enquanto ganha uma nova roupagem para dialogar com as novas gerações.

Referências Bibliográficas

ARRAES, Adenice Lira Soares. **Trajatória do negro pós abolição e o processo de inclusão no ambiente escolar brasileiro.** 2017.

BANDEIRA, Pedro. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2025. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/1767-pedro-bandeira>. Acesso em: 28 de janeiro de 2025. Verbete da Enciclopédia.

ISBN: 978-85-7979-060-7.

BANDEIRA, Pedro. **Narizinho: a menina mais querida do Brasil** / adaptação da obra de Monteiro Lobato; ilustrações Renato Alarcão. - 1. ed. - São Paulo: Moderna, 2019.

BARREIROS, Isabela. **A polêmica de Monteiro Lobato em Sítio do Picapau Amarelo: homem de seu tempo ou racismo explícito?** In: *Aventuras na história*, 25/02/2022. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/reportagem/polemica-de-monteiro-lobato-em-sitio-do-picapau-amarelo-homem-de-seu-tempo-ou-racismo-explicito.phtml> Acesso em: 31 jan. 2025.

BERTOLUCCI, Denise M. de P. **Reinações de Narizinho: um livro estupendo.** In: LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João L. **Monteiro Lobato livro a livro: obra infantil.** São Paulo: Editora Unesp, 2008. p.187-198.

BIGNOTTO, Cilza. **Reescrevendo a narrativa: racismo em livros infantis da época de Monteiro Lobato.** *Rev. Bras. Lit. Comp.* 23 (43) 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2596-304x20212343cb> Acesso em: 21 jan. 225.

CARRASCO, Walcyr. **Reinações de Narizinho** / de Monteiro Lobato; adaptado por Walcyr Carrasco; ilustrações Renan Santos. - 1. ed. - São Paulo: Moderna, 2019.

DE MENEZES, Jaci Maria Ferraz. **Abolição no Brasil: a Construção da Liberdade.** Revista HISTEDBR On-line, [s. l.], 2009. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639642/7210>. Acesso em: 18 out. 2024.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **Lobato, Monteiro**. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/LOBATO,%20Monteiro.pdf>. Acesso em: 25 out. 2024.

FISCHER, Luís Augusto. **Manual do Professor** – Coleção É só o começo: Clássicos adaptados para neoleitores. Porto Alegre: L&PM, [ca. 2010]. Disponível em: [https://www.lpm.com.br/downloads/Arquivos/colecao_e_so_o_comeco_\[4\]\(1\).pdf](https://www.lpm.com.br/downloads/Arquivos/colecao_e_so_o_comeco_[4](1).pdf). Acesso em: 17 mar. 2025.

LAJOLO, Marisa. **A figura do negro em Monteiro Lobato**. Unicamp. IEL. 1998.

LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre** (1o e 2o tomos). 8a ed. São Paulo: Brasiliense, 1957. (1a série das “Obras Completas de Monteiro Lobato”).

LOBATO, Monteiro. **A Menina do Narizinho Arrebitado**: Livro de Figuras. São Paulo: Monteiro Lobato e Cia, 1920.

LOBATO, Monteiro. **Reinações de Narizinho**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956. (2a série das “Obras Completas de Monteiro Lobato”).

MODERNA. Narizinho: **A menina mais querida do Brasil**. Disponível em: <https://www.moderna.com.br/literatura/livro/narizinho-a-menina-mais-querida-do-brasil>. Acesso em: 28 de Janeiro de 2025.

MODERNA. **Reinações de Narizinho**. Disponível em: <https://www.moderna.com.br/literatura/livro/reinacoes-de-narizinho>. Acesso em: 28 de Janeiro de 2025.

MODERNA. **Walcyr Carrasco: Biografia**. Disponível em: <https://www.moderna.com.br/autoresexclusivos/walcyr-carrasco/walcyr-carrasco-biografia.htm>. Acesso em: 28 de Janeiro de 2025.

NERES, G; LACERDA, M. **Adaptações literárias de clássicos: a importância da relação entre texto e imagem para a formação de leitores**. Gutenberg, Santa Maria, v.3, n.1,

2023. DOI: 10.5902/2763938X70532. Recovered in:
<https://doi.org/10.5902/2763938X70532>

RIOS, Ana Maria; MATTOS, Hebe Maria. **O pós-abolição como problema histórico: balanços e perspectivas.** Topoi, [s. l.], 2004.

SANTOS, Pedro. **História: Pedro Bandeira readapta obras de Monteiro Lobato e retira expressões racistas.** Disponível em:
<https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/vitrine/historia-pedro-bandeira-readapta-obras-monteiro-lobato-retira-expressoes-racistas.phtml#:~:text=Pedro%20Bandeira%20%C3%A9%20um%20dos,grande%20admirador%20de%20Monteiro%20Lobato>. Acesso em: 28 de Janeiro de 2025.

SOUZA, Ricardo. **Entendendo o domínio público.** Disponível em:
<https://www.jusbrasil.com.br/artigos/entendendo-o-dominio-publico/1289532615>. Acesso em: 26 de Janeiro de 2025.